

Congresso apóia Milliet

BRASÍLIA — A fórmula de negociação da dívida anunciada pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, a oito senadores e três deputados que assistiram ontem a sua exposição no Senado, ganhou apoio consensual da audiência, sendo considerada “um avanço” na história das relações do país com seus credores. Os parlamentares das três maiores forças do Congresso, PMDB, PFL e PDS, elogiaram os termos do acordo em vias de ser assinado e classificaram de “vitória” a dissociação dos entendimentos com os credores do acordo com o FMI.

— Pelo que foi anunciado, continuam respeitadas as condições básicas para o país retornar a bom relacionamento com a comunidade financeira internacional: não vamos ao FMI, temos a perspectiva de negociação global da dívida e a moratória será mantida até a assinatura deste acordo — avaliou o relator da Comissão da Dívida do Senado e líder do PMDB, senador Fernando Henrique Cardoso. A efetivação de um pagamento simbólico, segundo o senador, não significa rompimento da moratória, considerando que o depósito será feito condicionalmente num organismo multilateral de crédito.

Para o presidente da Comissão da Dívida, senador Carlos Chiarelli (PFL-RS), “a grande conquista desta estratégia é que ela possibilita a confirmação da tese brasileira de só negociar com o FMI após a finalização dos entendimentos com os credores”. A exposição de Milliet impressionou Chiarelli sobretudo no ponto em que o presidente do Banco Central se referiu aos efeitos danosos causados à economia brasileira por acordos anteriores realizados com o FMI.

Reavaliação — Provavelmente por não ter presenciado esta parte da exposição, o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC) ponderou sobre a necessidade de o Governo reavaliar sua atitude em relação ao Fundo. Bornhausen esclareceu não estar defendendo posição contrária à que se tem

hoje, mas apenas sugerindo que “a questão seja avaliada em profundidade, com base numa análise feita pelo país e não apenas por um partido”, em nítido desafio às posições do PMDB, que transformaram-se em posições do Governo na gestão do ex-ministro da Fazenda Dilson Funaro.

A estratégia de negociação da dívida foi também elogiada pelo senador Virgílio Távora (PDS-CE), que, junto à porta da Comissão de Finanças do Senado, onde se realizava o encontro, fez questão de salientar sua posição de “homem da oposição” que, no entanto, “tira o chapéu para a competência destes negociadores”.

A nota dissonante coube ao deputado Fernando Gasparian (MDB-SP), que chegou ontem de Nova Iorque, onde foi o único parlamentar brasileiro a participar de um encontro de parlamentares de 60 países, promovido pela Parliamentarians Global Action. No domingo, Gasparian almoçou em Nova Iorque com o assessor especial para dívida externa do Governo brasileiro, Fernão Bracher, e tomou conhecimento da estratégia de negociação anunciada por Milliet.

Ontem, tão logo chegou a Brasília — no início da tarde — dirigiu-se ao plenário da Constituinte buscando apoio para comandar uma reação ao que considera “uma usurpação das reservas brasileiras, para se dar fim à moratória, que ainda não atingiu seu objetivo”. Para o deputado, o Brasil está repetindo a Argentina e o México, ao realizar acordos em torno da dívida de curto prazo e deixando para depois qualquer entendimento sobre o débito global.

— Vai acontecer conosco o que aconteceu aos argentinos e mexicanos. Nós podemos até assinar o acordo mas depois não teremos dinheiro para pagar”, ponderou Gasparian. Para o deputado, o Governo brasileiro esqueceu de considerar que “não é de boa lógica o país prescindir de suas reservas cambiais, já que dificilmente terá condições de recompô-las”.